

Atentado bombista em Maputo

N. 21/8/52

O que restava da fachada caiu por terra

O assassinato da professora Ruth First não é um acidente de percurso na lógica do «apartheid». Ele é apenas o complemento mais recente dessa lógica, segundo escreve a «AIM», num comentário.

O regime do «apartheid» assassinou uma militante anti-«apartheid», que não tinha quaisquer envolvimento de carácter militar. Ela era jornalista, escritora e investigadora no campo das Ciências Sociais. Mas isso bastava. Num momento de grande recrudescimento da luta de massas e da luta armada do Povo sul-africano dentro da África do Sul, importa ao regime silenciar a acção e o pensamento de todos os que se lhe opõem. E, no processo, tudo que pudesse res-

tar da fachada de escrúpulos, cai por terra numa rota de sangue e de dor. O terrorismo do Estado sul-africano não desenhava limites para a sua acção.

Segundo o comentário da «AIM», a morte de Ruth First eliminou toda e qualquer ingenuidade política ou moral sobre Pieter Botla e o seu regime.

O regime matou Ruth First. É a segunda militante sul-africana branca a ser morta este ano. O primeiro foi o sindicalista Neil Aggett. O regime demonstra, assim, que todos os que se lhe opõem são alvos da sua barbárie. O regime acaba, com este acto, por contribuir para uma maior unidade do Povo sul-africano, independentemente da cor da pele.

Nos últimos dois anos da sua vida, Ruth First trabalhou incansavelmente pela consolidação do projecto da SADCC, especificamente no domínio de uma análise social que facilitasse

o surgimento de novos horizontes na unidade da região. Durante a semana passada, Ruth First havia participado numa conferência da UNESCO em Maputo, sobre as prioridades na África Austral — no respeitante às Ciências Sociais. A sua morte não pode deixar de ser vista, também, como um ataque à SADCC. Há ataques militares e sabotagens constantes contra as infra-estruturas da SADCC, principalmente em Moçambique. Agora, tratou-se de um ataque à SADCC no plano da elaboração de ideias.

Não há terrorismo mais ignóbil e mais covarde do que o terrorismo de Estado. Na África Austral, o regime do «apartheid» é uma civilização desse tipo de terrorismo. O terrorismo de Estado é o seu comportamento diário, o seu valor cultural mais global, é o próprio PAO de que se alimenta.